

PREÇOS MÍNIMOS PARA A SAFRA 1967/68

Divisão de Economia Rural

1 — INTRODUÇÃO

A política econômica que o novo governo, instaurado em março do corrente ano, anuncia seguir, pode trazer sensíveis modificações para toda a Nação e espere-se, para a agricultura especialmente. Embora exposta em termos ainda um tanto vagos e tímida ou modestamente definida como sendo basicamente uma continuação da política anterior, apenas alterada na direção e intensidade de certos esforços prioritários, à vista das conquistas já realizadas, é inegável que sua significação pode ser muito grande. É preciso ter em conta que em economia, a diferença na intensidade e velocidade de certas medidas pode provocar efeitos muitíssimo diversos. A política anterior, concentrada obsecadamente no combate à inflação, trouxe, entre seus efeitos, uma reversão de expectativa, que dada a sua magnitude, resultou grandemente prejudicial às atividades econômicas. Com efeito, a tão condenada expectativa de elevação de preços e euforia que reinava no período de maior inflação, foi substituída por um desalento generalizado, uma enorme descrença em melhores

dias. O otimismo exagerado cedeu lugar a um ceticismo profundo.

Isto, ao menos no que diz respeito à agricultura de São Paulo. Torna-se, assim, mister e urgente reavivar o ânimo do produtor, soerguer-lhe, dar-lhe esperanças e abrir-lhe novas e razoáveis perspectivas para suas atividades agrícolas.

1.1 — RETROSPECTO DO ANO AGRICOLA

O ano agrícola de 1966/67, prestes a encerrar-se, não foi bom.

Isto não só quanto aos rendimentos físicos como no concernente aos aspectos financeiros e de comercialização. A área plantada, foi praticamente igual à do ano precedente, que havia sido pequena e com exceção desta, é a menor que se verifica desde 1960 inclusive.

*Algumas culturas como o amendoim (tanto a safra “das águas” como a “da seca”) e o feijão (da “seca”) sofreram drásticas quebras no rendimento. Outras como o algodão, milho e cana também experimentaram maiores ou menores decréscimos de rendimento.

(*) À exceção dos dados sobre áreas de plantio, todos os demais referentes ao ano agrícola de 66/67 estão sujeitos à retificações posteriores.

Das culturas importantes, apenas o arroz apresentou ganhos substanciais, com rendimentos bem melhores em área maior, já que o melhor rendimento da cafeicultura deve ser atribuído aos seus ciclos de produção.

Mesmo incluindo o café, o valor dos 24 mais importantes produtos agropecuários foi apenas 16% superior àquele do ano passado já de "per si" desfavorável em matéria de preços. Isto, em termos de moeda corrente, o que significa perda substancial quando se considera a inflação verificada no período. Dentre 17 dos mais destacados produtos vegetais, 10 apresentam, mesmo em moeda corrente, valor inferior ao do ano anterior.

A êsses decepcionantes resultados financeiros deve-se acrescentar, pelo menos mais uma dificuldade de vulto, verificada com a comercialização da safra e consistente na confusão gerada pela incidência do I.C.M.. De resto, tão grande têm sido as perturbações, mal-entendidos e protestos provocados por êsse imposto, bem como as modificações nêle já introduzidas, que se é forçado a admitir ter sido o mesmo concebido de forma inadequada à comercialização dos nossos produtos agropecuários ou, pelo menos, que a sistemática de sua aplicação foi errada.

Como aspecto favorável da comercialização e já no capítulo específico dos preços mínimos, registre-se o financiamento ao nível de 100% dos preços de garantia, velha reivindicação de São Paulo e que inexplicavelmente tanto demorou a ser compreendida. Essa inovação no sistema de garantia dos preços mínimos, já trouxe seus efeitos salutares, inverten-

do a relação entre o volume adquirido e financiado pela Comissão de Financiamento da Produção e sendo de imediato adotada por inúmeros produtores, que puderam assim contar com melhor defesa para a venda de suas colheitas.

1.2 — PERSPECTIVAS PARA O PRÓXIMO ANO AGRÍCOLA

Nos primeiros dias de Julho, a Divisão de Economia Rural procedeu a um ligeiro inquérito sobre as intenções de plantio para a próxima temporada de 1967/68. Devido a várias circunstâncias, como as modificações, sobretudo nos preços de mercado, que poderão ocorrer até a época de plantio efetivo, bem como à carência de embasamento estatístico para essa investigação, seus resultados só podem ser aceitos sob reservas e como mera indicação de tendências. Em termos, resumidos, são as seguintes as conclusões dêsse "prognóstico":

- a) Algodão — Prevê-se nova redução da área, a qual, seria 16% inferior à precedente;
- b) Amendoim — A superfície de plantio da próxima "safra das águas" deverá ser menor, em cêrca de 16% à sua correspondente de 1966/67. Dificuldades adicionais quanto ao suprimento das sementes poderão sobrevir, agravando a situação;
- c) Arroz — Deverá ocorrer um aumento aproximado de 7% no futuro plantio e;
- d) Milho — A próxima área de plantio deverá ser sensível-

mente igual à deste ano e talvez mesmo, ligeiramente maior.

Quanto ao feijão e à soja, não foram tais produtos abrangidos pelo trabalho em apreço, parecendo certo entretanto que o plantio da soja deverá apresentar sensível aumento percentual, o que, dado ao tamanho ainda pequeno da área, não deverá significar, em termos absolutos, grande número de alqueires.

1.3 — OBJETIVOS E CRITÉRIOS

Pelo que foi dito no tópico introdutório, há necessidade urgente da agricultura receber do governo um novo fluxo revitalizador, representado sobretudo por efetivo amparo financeiro, sem evidentemente descambar para o excesso. Há também renovadas esperanças de que, no tocante aos preços mínimos, seja êle interpretado como um instrumento da política agrícola, atuante no sentido de auxiliar o aumento das culturas que devem ser expandidas, desestimular aquelas cuja produção é excessiva ou desaconselhável, possibilitar níveis de renda que permitam à agricultura adotar os novos processos de produção indicados pelo desenvolvimento tecnológico e promover o progresso sócio-econômico do produtor rural.

Aceita essa posição, procurar-se-á entretanto como substrato, a adoção de um critério geral, que sirva como ponto de referência, subordinado sempre àquela filosofia, ou, em outros termos, procurando para cada produto uma base de preços que se ajuste aos objetivos acima mencionados.

Como ponto de referência, ad-

mitir-se-á que no período entre maio do corrente e igual mês de 1968, a taxa de inflação deverá girar em torno de 20%. Dita taxa parece conter boa margem de segurança e representar verdadeiro crédito de confiança na atual política econômica, pois certamente significará grande conquista do atual governo a redução do ritmo inflacionário para esse nível, simultaneamente com a retomada do desenvolvimento. Nos trabalhos de mesma finalidade apresentados nos dois últimos anos, foram também previstas taxas de crescimento inflacionário bastante conservadoras, pois para 65/66 adotou-se 20%, inferior à metade daquela que se verificou e para 66/67, 25%, que também acabou por ser superada pela realidade.

A seguir, são apresentadas as análises individuais de cada produto.

2 — ALGODÃO

2.1 — SITUAÇÃO MUNDIAL

De um ano para cá foi sensível a melhoria apresentada pela economia algodoeira mundial, no que respeita sobretudo, à relação entre a oferta e procura do produto. Os estoques mundiais, que em 1.º de agosto de 1966 atingiam 30,5 milhões de fardos, deverão baixar para 25,5 em igual data do corrente ano, ligeiramente menos que o volume existente há 3 anos passados. Assim foi, liquidado num ano, o crescimento que se vinha verificando nos estoques finais dos 3 últimos anos.

A principal causa dessa modificação, foi como é fato notório, a entrada em vigor da nova política algodoeira norte-americana com

seu acentuado estímulo à redução na área de plantio.

Na temporada de 66/67, os EE.UU. reduziram de mais de 1/4 seu plantio de algodão (10,5 milhões de acres contra 14,2 em 65/66) e tal contração teve ainda seus efeitos exaltados por quebra nos rendimentos, do que resultou um volume de produção inferior em mais de 35% ao ano precedente. Além dessa, outras causas militaram em favor da melhoria da situação acima indicada. Dentre elas, podem ser citadas:

- a) Retraimento na área de plantio e ou, produção, em diversos outros países como: México, Guatemala, Síria e Brasil, em consequência, seja da política algodoeira dos EE.UU. seja por causas outras, de origem interna.
- b) Aumento no consumo mundial que apresentou um ganho de, aproximadamente, 1,5 milhões de fardos, tendo para tanto contribuído com maior pêsso, o consumo verificado nos países de economia dirigida.

Além da melhoria verificada na relação entre oferta e procura global, um outro e importante fato ocorreu, qual seja a escassez, embora em termos relativos, dos algodões de fibra igual ou maior que 1,1/32". Isso se deveu, não só à menor produção porcentual desses algodões na safra norte-americana, como principalmente, à grande preferência que estes comprimentos, dentre o chamado algodão "upland", estão merecendo por parte dos fabricantes de fios e tecidos. Como detalhe de certa importância, acrescenta-se que mesmo aqueles algodões com

comprimento de fibra mais procurada, há falta de bons tipos, pois a safra norte-americana deixou muito a desejar no referente a tipos. Em resumo, é "apertado" o suprimento de bons algodões de fibras mais longas, na classe dos algodões americanos. Quanto à próxima safra dos EE.UU. isto é, a de 1967/68, a primeira estimativa sôbre a área plantada e divulgada no dia 9/7 próximo passado, acusa um total de 9,7 (9.724) milhões de acres ou seja, cêrca de 8% a menos que a anterior. Ao que parece, o transcurso do tempo não tem sido muito favorável, o que permite admitir a despeito de não ter sido ainda divulgada nenhuma estimativa quanto ao volume de produção, que esta deverá ser pouco superior a 9 milhões de fardos e assim, muito provavelmente, um pouco menor que as necessidades do consumo interno.

O desenvolvimento dessa situação estatística refletiu-se, como é óbvio, nos preços do produto, os quais, recuperaram-se do declínio que vinham experimentando desde os últimos meses de 1965 e se encontram presentemente em níveis iguais ou superiores aos de dois anos atrás e ainda com tendência para ligeira alta. Isto, no que se refere aos algodões com fibra acima de 1", pois para aqueles de fibras mais curtas, o sentido é para maior depressão nos preços, dada a grande abundância dos suprimentos mundiais nessa classe de algodões.

Como contrapêsso à situação que vem de ser descrita e que inevitavelmente se apresenta como uma favorável, conjuntura, há que se ter em conta dois importantes fatos que eventualmente poderão

exercer sensível influência contrária. São êles:

- a) Acentuada queda nos preços de muitas fibras, artificiais, que chegou, em alguns grupos das sintéticas, a 30%.
- b) Certa depressão econômica que se observa em alguns países da Europa Ocidental, como a Alemanha, Holanda, Bélgica e Inglaterra, todos êles, importantes consumidores de algodão.

Talvez coubesse ainda, citar a ameaça que representa certos desenvolvimentos tecnológicos ultimamente obtidos no campo das fibras artificiais, mórmente no grupo das celulósicas, justamente aquê- le que tendia a se esvanecer e que agora parece poder voltar à cena com redobrado perigo ao algodão, através das chamadas fibras "polinósicas". Num balanço ge- real entretanto, existem bas- tantes indícios de que as maiores probabilidades apon- tam para certa firmeza nos preços dos algodões de fi- bras mais longas, no trans- curso dos próximos doze me- ses. Disto e também da even- tualidade dum aumento no plantio da safra americana de 68/69, infere-se que a me- lhor oportunidade para a Zo- na Sul do País, será na safra que se aproxima i.é., cujo plantio deve iniciar-se a par- tir de outubro próximo vin- douro e que se antecipa em 5 a 6 meses à safra de 68/69 dos países do Hemisfério Norte. Esta vantagem no tempo nos permitirá encon- trar boas condições para a exportação, mesmo tendo em

conta uma possível influên- cia antecipada do anúncio de maior plantio norte-america- no sôbre o mercado. De res- to, esta influência talvez não possa ser muito acentuada sôbre a faixa especifica dos algodões com fibra de com- primento superior a 1", como acontece com o grosso dos algodões do Sul do País, pois o transcurso do tempo pode impor surpresas na distribui- ção da colheita por tamanho de fibra.

2.2 — SITUAÇÃO INTERNA

Pela segunda vez consecutiva, a superfície de plantio com al- godão no Estado de São Paulo experi- mentou forte redução. Há dois anos atrás, na safra 1965/66, a contração foi da ordem de 27% face ao ano precedente (mais ou menos normal) e em 66/67 acen- tuou-se em muito o recuo, o qual foi superior a 44%. Com isso, a superfície de plantio voltou aos primórdios da implantação do moderno surto algodoeiro paulista iniciado após a grande crise ca- feeira de 1929, pois será preciso remontar a 1932/33 para encon- trar-se plantio inferior ao de 1966/67. Este simples cotejo é bastante eloqüente para dispen- sar quaisquer outros comentários sôbre a alarimante situação em que se encontra a economia algo- doeira paulista.

Também, não requer nenhum esforço localizar a principal cau- sa dessa situação, que outra não é, senão os preços do produto. Por sua vez, a política de preços mínimos que de longa data vem sendo adotada pelo país, no refe- rente ao algodão, muito tem a ver com aquêles baixos preços. Com

efeito, vinculando o preço mínimo de garantia ao preço internacional do produto, que se acha grandemente influenciado pela política algodoeira norte-americana, ficou o cotonicultor brasileiro em posição grandemente desvantajosa, já que obrigado a vender seu produto por um preço reconhecidamente baixo, tanto que o produtor norte-americano vem de há muito recebendo, sob a forma de subsídios, um sôbrepreço em relação ao preço internacional. Esse sôbrepreço é, presentemente, superior em mais de 50% ao nível do mercado mundial. De resto, nem mesmo o preço internacional foi jamais transferido ao cotonicultor paulista, pois o estabelecimento de quotas de exportação, a proibição das exportações dos subprodutos (a torto necessita ainda de licença prévia para ser exportada) e as mudanças introduzidas na taxa cambial, quase sempre quando o algodão não mais se encontrava nas mãos dos produtores, reduziram (em certos anos pesadamente) a parcela que em condições normais de mercado deveria caber ao produtor. Com tais desvantagens, além daquelas outras de ordem geral que incidem sôbre a agricultura e também outros setores de atividades do país, não é de estranhar que o algodão tenha encetado a retirada, em marcha batida, do Estado de São Paulo. Esta marcha aliás, não dá mostras de parar, pois segundo o "prognóstico" já mencionado, a tendência no momento é para nova redução no próximo plantio da safra de 67/68, que deverá ser cêrca de 15% inferior à de 66/67. Não fôra o desastre ocorrido com o amendoim, po-

de-se ter como certo que a redução em causa seria bem maior.

Esse é o quadro que se apresenta às autoridades responsáveis pela política algodoeira do país, mórmente, aos condutores da política de garantia de preços mínimos, já que o preço dêste produto é influenciado decisivamente por aquela. Se não houver a firme determinação de amparar efetivamente a economia algodoeira, abandonando inclusive o critério da paridade do preço mínimo ao preço de exportação, o qual, tem-se mostrado letal ao algodão (que continuará sendo, não obstante a perspectiva de leve melhoria já mencionada) e procurar novos caminhos, que favoreçam alcançar um volume de produção considerado satisfatório, a próxima safra talvez já venha a soar como o "canto do cisne" da cotonicultura paulista. É preciso ter em conta que quando se contrai a infra-estrutura algodoeira, com o fechamento de máquinas de benefício, com os arrendatários dedicando-se a outras atividades ou abandonando as terras que antes lavravam, com o desaparecimento de uma série enorme de intermediários mais ou menos especializados - como vendedores de adubos, inseticidas e pequenas máquinas, representantes-compradores de firmas nos lugares mais distantes etc. etc., muito mais difícil vai-se tornando o revigorecimento dessa atividade. Quando no processo de expansão, os aumentos são mais fáceis, pois as perspectivas de lucro e o entusiasmo geral exercem poderosa atração sôbre os investimentos, obscurecendo os riscos. No entanto, o soerguimento da cotonicultura é agora de extrema importância

para São Paulo. Tôda a complexa infra-estrutura algodoeira, tanto oficial como particular e representada por estações experimentais, campos de cooperação, postos de análise, preparo e distribuição de sementes, máquinas de benefício, oleifícios, reprensadoras, armazéns, bôlsas, firmas exportadoras, fábricas de equipamentos para o benefício do algodão e a obtenção do óleo, fiações, tecelagens e enfim, uma enorme série de interesses acha-se quase tôda ela a braços com grande capacidade ociosa, em penoso processo de retraimento, com perspectivas cada vez mais sombrias e em muitos casos, antevendo já a data do encerramento. Não é demais repetir, que a méta razoável de produção para São Paulo mesmo tendo em conta a conjuntura internacional do algodão é, presentemente, de 240 a 250 mil toneladas de pluma. *Tal méta aliás, coincide com aquela indicada pela extinta Junta Nacional do ALGODÃO ao estudar os objetivos de produção total para o país e representa pouco mais da metade da safra recorde de 1944. Seria ela, o atendimento mínimo para as necessidades do consumo interno, contingente exportável e produção de óleo comestível. Ora, para se obter aquêlê volume de algodão em pluma, seria preciso mesmo admitindo-se o alto rendimento médio de 200 arrobas de algodão em caroço por alqueire (nível só superado nos últimos 2 anos) que fôssen plantados cerca de 235.000 alqueires (569.000 has.) isto é, mais do dôbro da área plantada na última tempora-

da. Isto serve, até certo ponto, como medida de grandeza para a necessidade de recuperação da cotonicultura paulista.

Evidentemente que a defesa daquela méta poderia ser consideravelmente reforçada com outros argumentos tais como, o imperativo de evitar a combinação de um grande retraimento do café com aquêlê de outra cultura da importância comercial do algodão, a considerável absorção de braços que esta última exige, a sua importância social como fornecedora de dinheiro para parceiros, arrendatários e outros pequenos lavradores etc. etc.

Em suma, cabe às autoridades responsáveis optar quanto à escolha da política algodoeira que interessa ao país, fixando-se na meta de produção escolhida e assumindo, dentro de seu âmbito, tôdas as implicações decorrentes das atividades para o alcance da mesma.

Quanto à safra corrente, o principal aspecto positivo reside no rendimento por unidade de área, superado apenas e ligeiramente por aquêlê registrado na safra passada. A distribuição por tipos também apresentou alguns progressos, sendo maior do que no ano passado a porcentagem de tipos médios para melhor. Quanto às características intrínsecas da fibra, mórmente no que respeita ao comprimento, continuam amplamente satisfatórias.

A comercialização entretanto, ou mais exatamente, o resultado financeiro da safra foi grandemente desfavorável ao produtor.

(*) A carta de Brasília que vem de ser aprovada estabelece para a próxima safra de São Paulo a méta de 794.870 toneladas de algodão em caroço, correspondentes a cerca de 278.000 toneladas de pluma.

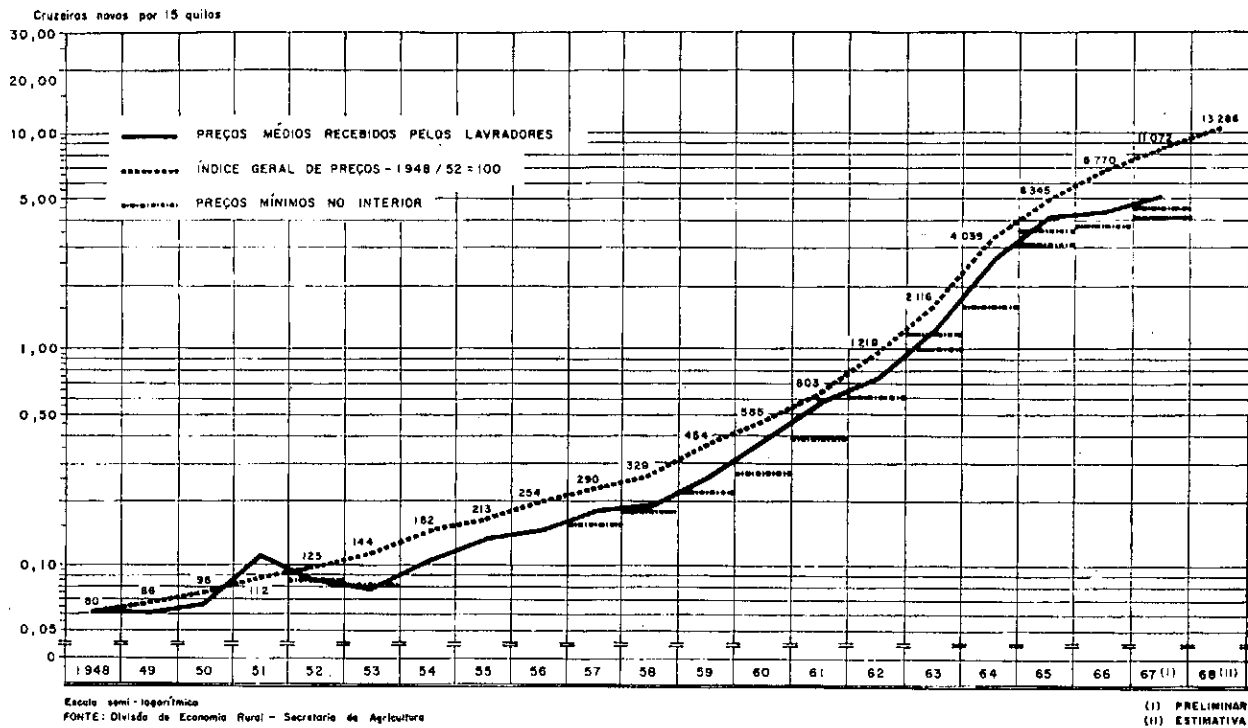
QUADRO 1. — Algodão em São Paulo

Médias quinquênios e anos	Área plantada 1000 ha	Produção 1000 arrobas em caroço	Rendimento agrícola kg/ha	Preços médios recebidos pelos lavradores		Índice geral de preços no Brasil (1) b		a/b x 100
				Preços correntes centavos NCr\$	Índices a	(1)	b	
Médias								
1948/52	1 094	40 930	557	7,80	100	100		100
1953/57	729	36 706	769	12,90	165	217		76
1958/62	528	35 433	1 004	43,30	554	678		82
Anos								
1960	498	35 197	1 059	39,00	499	585		85
1961	569	34 675	914	58,80	752	803		94
1962	678	47 514	1 052	74,40	951	1 218		78
1953	605	39 829	987	120,00	1 534	2 116		72
1964	508	39 812	1 175	250,00	3 305	4 038		79
1905	653	34 797	781	388,00	4 974	6 344		78
1966	477	46 607	1 416	427,00	5 474	8 770		62
1967 (2)	290	26 600	1 374	515,00	6 602	11 072		60

FONTE: Divisão de Economia Rural.

(1) Baseado no índice «2» Nacional da Conjuntura Econômica» da Fundação Getúlio Vargas.

(2) Estimativa.



EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DO ALGODÃO EM CAROÇO NO ESTADO DE SÃO PAULO

O preço médio que o cotonicultor irá receber este ano, está avaliado preliminarmente em NCr\$ 5,15 por 15 quilos de algodão em caroço ou seja, cêrca de 20% acima daquêle verificado no ano passado, quando no período ocorreu um aumento nos custos da lavoura, superior a 30%. A diferença não seria excessiva, não fôra o fato de que o preço do ano passado já tenha sido muito baixo.

De resto, tal diferença avulta ainda mais quando se leva em conta os menores rendimentos por unidade de área (embora não muito sensíveis) e sobretudo, a substancial parcela de algodão vendida para recebimento a prazo. Em termos de preços reais, o que o produtor irá receber pelo seu algodão, representa apenas 58% daquele que, em média, recebeu no quinquênio 1948/52. Finalmente, como fator negativo na comercialização do algodão cabe citar a incidência do I. C. M. que não deixou de trazer perturbações, embora em escala bem menor que em muitos outros produtos agrícolas.

2.3 — CRITÉRIOS

Para que o próximo plantio mantenha-se próximo dos 120 mil alqueires (290,5 mil hectares) utilizados em 1966/67, i. é., para que apenas se procure anular a nova redução de área antevista, sem nenhuma velocidade de se obter sensível aumento de área, como seria de alto interesse, é preciso que o preço mínimo do algodão em caroço seja estabelecido em tôrno de NCr\$ 7,00 livre ao produtor por arroba de 15 quilos de tipo "5" (regular) posto no ponto mais distante (Mirante do Paranapanema) do interior do

Estado. Tal base, pode parecer elevada quando em cotejo com a do ano passado sôbre a qual, leva uma vantagem de mais de 55%. Na realidade, entretanto, ela será em termos reais, superior apenas aos dois últimos anos, ficando abaixo de qualquer dos outros últimos 19 anos e representando sômente 67% do preço médio real obtido no quinquênio 1948/52.

Aliás, seu maior efeito talvez decorra unicamente da sua vantagem comparativa com a do ano passado. Acredita-se entretanto que isto acrescido dos bons rendimentos físicos que vêm sendo obtidos ultimamente e da drástica redução da capacidade competitiva do amendoim, talvez possa atuar eficazmente no sentido de se obter os modestos objetivos estabelecidos.

3 — AMENDOIM

3.1 — SITUAÇÃO

À maior área (soma da safra "das águas" e "da seca") já plantada com este produto em São Paulo, correspondeu o menor rendimento dos últimos anos e também, o menor preço (em termos reais) médio obtido pelos produtores.

Assim pode ser resumido o grande desastre que foi o cultivo desta oleaginosa em 1966/67. Houve ainda, outras circunstâncias desfavoráveis. Entre elas, o fato de grande número de produtores vendo-se incapacitados para pagarem os empréstimos contraídos para a "safra das águas" terem solicitado facilidades para o resarcimento das suas dívidas, na esperança de que a "safra da seca" pudesse salvá-los e dessa forma se terem precipitado em nôvo

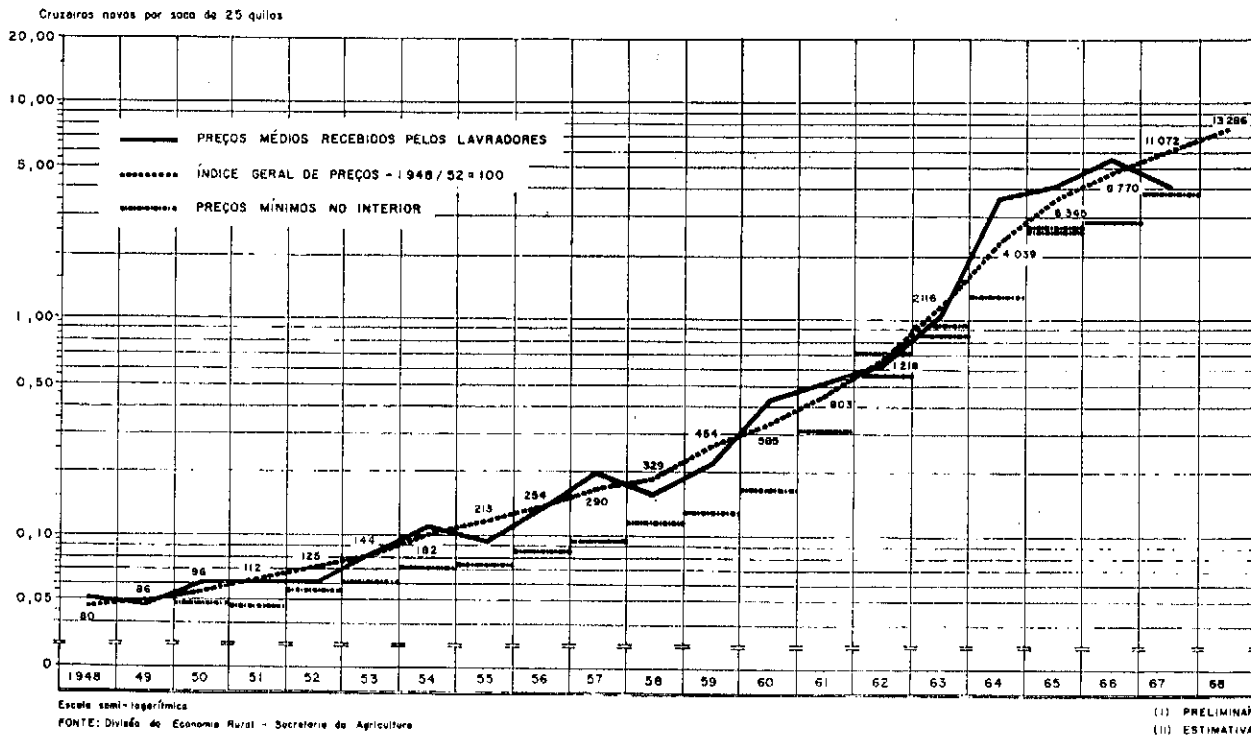
QUADRO 2. — Amendoim em São Paulo

Médias quinquênios e anos	Área plantada 1000 ha	Produção 1000 sacos 25 kg em casca	Rendimento agrícola kg/ha	Preços médios recebidos pelos lavradores		Índice geral de preços no Brasil		a/b x 100
				Preços correntes NCr\$ 25 kg	Índices a	(1)	b	
Médias								
1948/52	152	6 352	1 059	0,06	100	100		100
1953/57	152	6 724	1 096	0,13	223	217		103
1958/62	338	16 598	1 265	0,40	697	678		103
Anos								
1960	295	14 500	1 229	0,44	768	585		131
1961	428	18 600	1 986	0,52	914	803		114
1962	479	21 000	1 137	0,65	1 137	1 213		93
1963	392	19 200	1 187	1,06	1 857	2 116		88
1964	409	15 300	935	3,73	6 550	4 043		162
1965	414	24 000	1 449	4,16	7 298	6 344		115
1966	482	26 700	1 385	5,35	9 386	8 770		107
1967 (2)	552	19 700	892	4,20	8 158	11 072		74

FONTE: Divisão de Economia Rural.

(1) Baseado no índice «2» Nacional da «Conjuntura Econômica» da Fundação Getúlio Vargas.

(2) Estimativa.



EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DO AMENDOIM EM CASCA NO ESTADO DE SÃO PAULO

e bem maior desastre. Em poucas palavras, o prejuízo foi de tal magnitude que bastou para tirar tôda a tendência de expansão até aqui mantida por esta cultura em São Paulo, prevendo-se em relação ao ano passado redução da ordem de 16% para o próximo plantio.

3.2 — CRITÉRIOS

Dada a importância da cultura, quer sob o ponto de vista sócio-econômico, por se tratar de exploração tipicamente comercial e assim uma fonte direta de dinheiro para os produtores, em sua maioria pequenos, quer como uma das principais, quicá a principal fonte de óleos vegetais, há necessidade imperiosa que haja apoio efetivo à cultura do amendoim e no sentido de ao menos, restabelecer a confiança anterior entre os produtores. O acréscimo de 20% correspondente à desvalorização estimada para a nossa moeda até o fim do próximo ano agrícola e aplicado, em relação às bases de preço propostas no trabalho do ano anterior, relativo à safra atual prestes a findar-se, resultará num preço de NCr\$ 6,00 para a saca de 25 quilos em casca, do tipo "3" e livre ao produtor. Preços de garantia dêsse valor, poderão ao que tudo indica, contribuir para a consecução dos objetivos acima expostos.

4 — ARROZ

4.1 — SITUAÇÃO

Condições de tempo extremamente favoráveis para esta cultura, fizeram com que a safra de 66/67, apresentasse numa área maior que a antecedente, uma me-

lhoria de quase 46% no rendimento por unidade de área. É bom que se diga entretanto, que tal rendimento, embora venha compensar em parte 4 anos seguidos de má produção, é ainda muito baixo e também inferior a algumas das próprias safras orizícolas de São Paulo, como por exemplo aquelas obtidas em 1960/61 e 1961/62. Frise-se também, que o fator quase exclusivo para a melhoria assinalada foi o transcurso propício do tempo, embora deva também ter contribuído para isso, a utilização de sementes de variedades precoces. No uso destas sementes reside aliás o maior progresso técnico registrado por esta cultura nos últimos anos, pois o sistema de exploração largamente predominante no Estado i.é., o cultivo "em sequeiro", torna a colheita extremamente dependente do tempo, desencorajando os investimentos exigidos pela racionalização dos tratamentos culturais.

Como já foi dito em trabalhos anteriores, enquanto esta exploração fôr feita "em sequeiro", com os graves inconvenientes que apresenta, a expansão de sua área cultivada não interessa à agricultura de São Paulo. Não há de resto, razões para que São Paulo não continue a importar, de outros estados, onde a produção fôr mais aconselhável, o contingente necessário à complementação do seu consumo de arroz. Aliás, a superfície plantada em 66/67 já era cêrca de 15% superior àquela considerada como a mais adequada, nas presentes circunstâncias, ao Estado de São Paulo. Com o leve aumento previsto no inquérito sôbre as intenções de plantio atrás mencionado

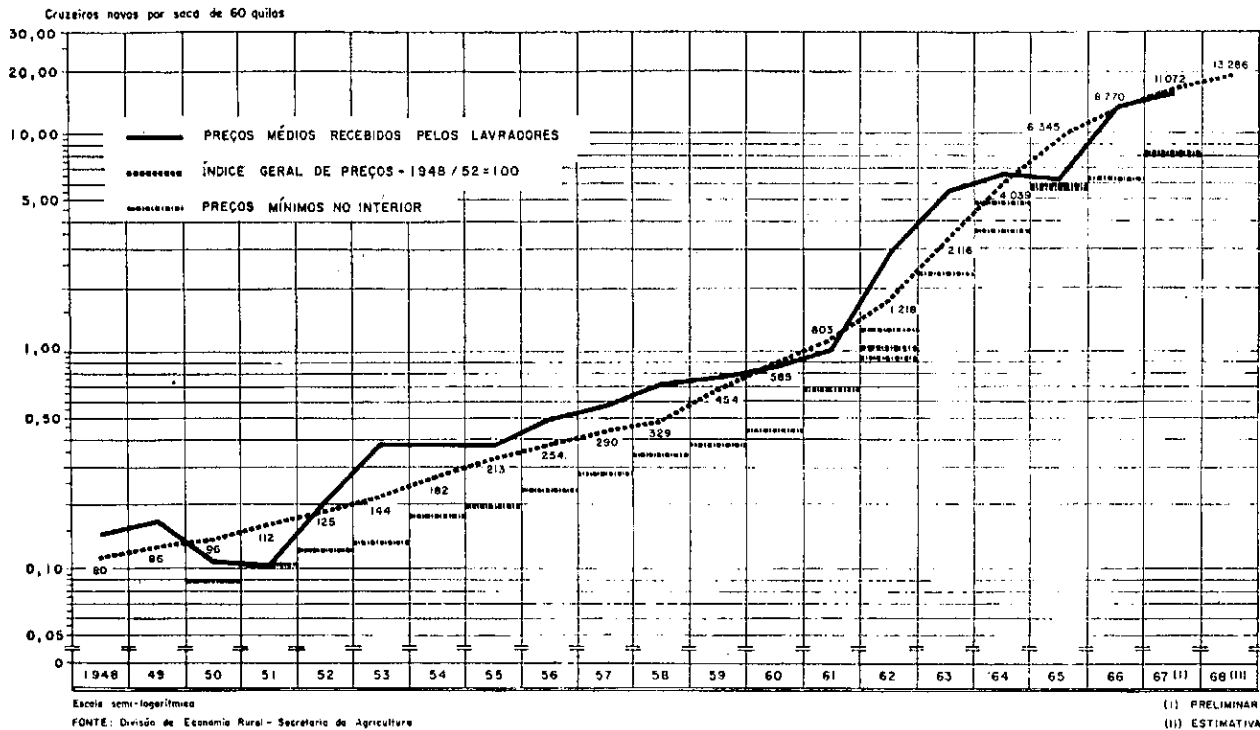
QUADRO 3. — Arroz em São Paulo

Médias quinquênios e anos	Área plantada 1000 ha	Produção 1000 sacos 60 kg em casca	Rendimento agrícola kg/ha	Preços médios recebidos pelos lavradores		Índice geral de preços no Brasil (1) b	a/b x 100
				Preços correntes NCr\$ saca 60 kg em casca	Índices a		
Médias							
1948/52	495	11 759	1 425	0,15	100	100	100
1953/57	542	9 205	1 026	0,44	299	217	138
1958/62	573	10 840	1 132	1,25	852	678	126
Anos							
1960	573	11 000	1 152	0,84	575	585	98
1961	644	13 200	1 230	1,03	701	803	87
1962	508	10 200	1 204	5,27	3 585	1 213	29
1963	762	12 000	945	2,91	1,980	2 116	94
1964	1 108	15 000	812	6,57	4 469	4 043	109
1965	1 065	17 100	964	6,22	4 321	6 344	67
1966	702	9 600	821	14,92	10 150	8 770	116
1967 (2)	752	15 000	1 196	16,00	10 884	11 072	98

FONTE: Divisão de Economia Rural.

(1) Baseado no índice «2» Nacional da «Conjuntura Econômica» da Fundação Getúlio Vargas.

(2) Estimativa.



EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DO ARROZ EM CASCA NO ESTADO DE SÃO PAULO

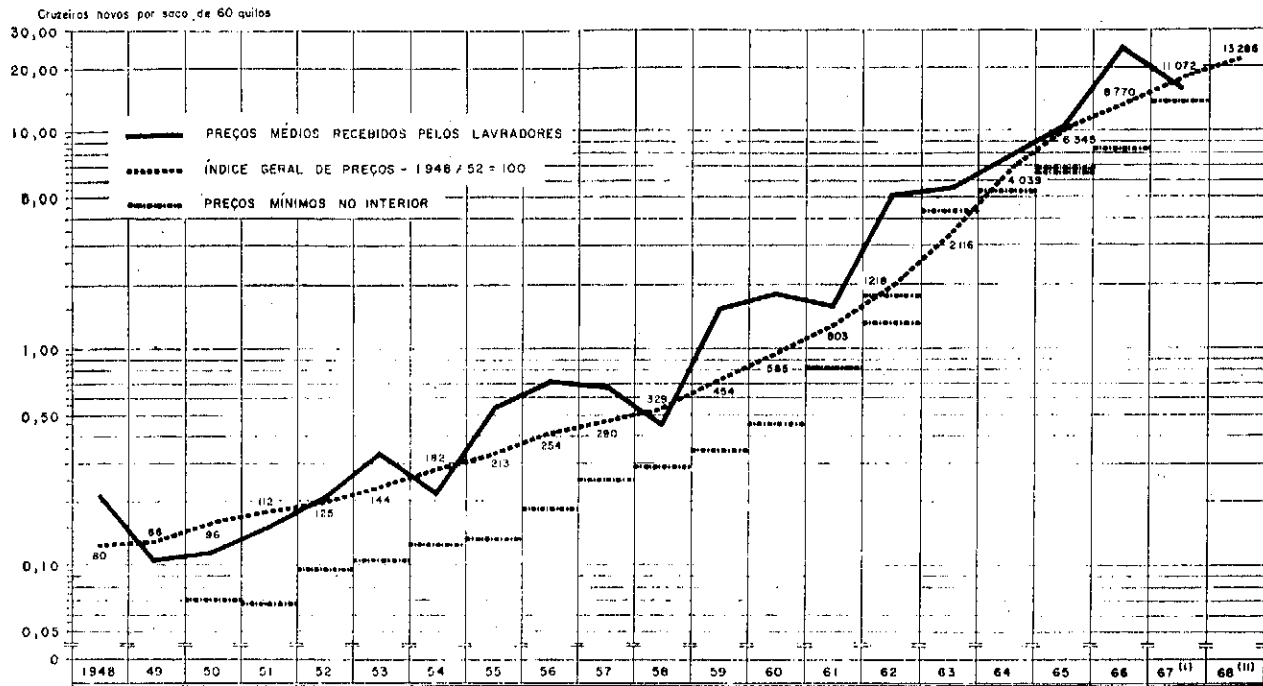
QUADRO 4 — Feijão em São Paulo

Médias quinquênios e anos	Área plantada 1000 ha	Produção 1000 sacos de 60 kg	Rendimento agrícola kg/ha	Preços médios recebidos pelos lavradores		Índice geral de preços no Brasil (1) b	a/b x 100
				Preços correntes NCr\$ 60 kg	Índices a		
Médias							
1948/52	209	2 275	651	0,16	100	100	100
1953/57	275	2 031	448	0,40	310	217	143
1958/62	357	2 392	403	2,11	1 328	678	196
Anos							
1960	448	3 260	437	1,34	1 157	585	198
1961	356	2 320	391	1,51	950	803	118
1962	358	1 940	325	5,19	3 264	1 218	268
1963	387	2 680	411	5,62	3 535	2 116	167
1964	386	2 470	384	7,25	4 559	4 043	113
1965	335	3 150	564	10,37	6 522	6 344	103
1965	322	2 508	467	25,46	16 013	8 770	183
1967 (2)	370	2 700	438	16,80	10 566	11 072	95

FONTE: Divisão de Economia Rural.

(1) Baseado no índice «2» Nacional da «Conjuntura Econômica» da Fundação Getúlio Vargas.

(2) Estimativa.



Escola semi-logarítmica
 FONTE: Divisão de Economia Rural - Secretaria de Agricultura

(I) PRELIMINAR
 (II) ESTIMATIVA

EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DO FEIJÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO

(7% a mais) a próxima superfície plantada, já ultrapassará de forma substancial a meta acima. Todavia, dada à necessidade de amparo porque atravessa à agricultura e também ao fato de que, mesmo que se confirme tal acréscimo, o plantio ainda será inferior, em cêrca de 20%, àqueles dos anos 63/64 e 64/65, aquela eventualidade não deve ser causa de maiores apreensões.

4.2 — CRITÉRIOS

Admitindo um acréscimo de 20%, correspondente à desvalorização prevista para a nossa moeda no período em apreço e fazendo-o incidir sôbre o nível de preço mínimo, sugerido no ano passado ir-se-á encontrar o preço NCr\$ 13,20 por saca de 60 quilos de arroz em casca, grãos médios, tipos "1" e "2". Tal preço, entende-se livre para o produtor. Convém frisar que tal base não deverá atuar como preço estimulante em São Paulo, já que se encontra bastante afastada das cotações de mercado.

5 — FEIJÃO

5.1 — SITUAÇÃO

A passada "safra das águas" pode ser considerada boa em relação à precedente, já que a um aumento de 14% na área, correspondeu a melhoria de 20% nos rendimentos unitários. No entanto, êsse ganho foi inteiramente absorvido e com sobras, pela "safra da sêca", que aumentando a superfície de plantio em 16%, ofereceu uma queda de 47% nos rendimentos. Isso, somado ao fato de que o preço médio a ser recebido pelo produtor, deverá

ser neste ano, em têrmos de moeda corrente, cêrca de 85% inferior ao registrado no ano anterior leva fãcilmente à conclusão de que nenhum progresso foi obtido pela economia do feijão em São Paulo, ùltimamente. Tratando-se de cultura bastante atrasada em nosso estado, os preços mínimos, que aliás podem ser tidos como razoáveis em relação aos custos de produção, exercem muito menor influência nas decisões dos produtores que os preços de mercado quando nas proximidades da época de plantio. Devido entretanto à fundamental importância do produto no abastecimento alimentar, além de muitas outras razões, será da mais alta conveniência que esta exploração receba um amparo efetivo por parte das autoridades responsáveis, mórmente no que se relaciona com a garantia de preços.

5.1 — CRITÉRIOS

À vista do acima exposto, ir-se-á propor o acréscimo de 20%, porém não sôbre as bases sugeridas, mas sôbre aquelas aprovadas no ano anterior pela Comissão de Financiamento da Produção e que representavam, a grosso modo, cêrca de NCr\$ 14,80 livre ao produtor, por saca de 60 quilos. Com êsse procedimento, encontra-se o preço de NCr\$ 17,75, livre ao produtor, por saca de 60 quilos tipo "3", das variedades de côres, que acredita-se, deverá atender os objetivos que vêm de ser expostos.

6 — MILHO

6.1 — SITUAÇÃO

Êste básico cereal, de longe o mais importante como suporte pa-

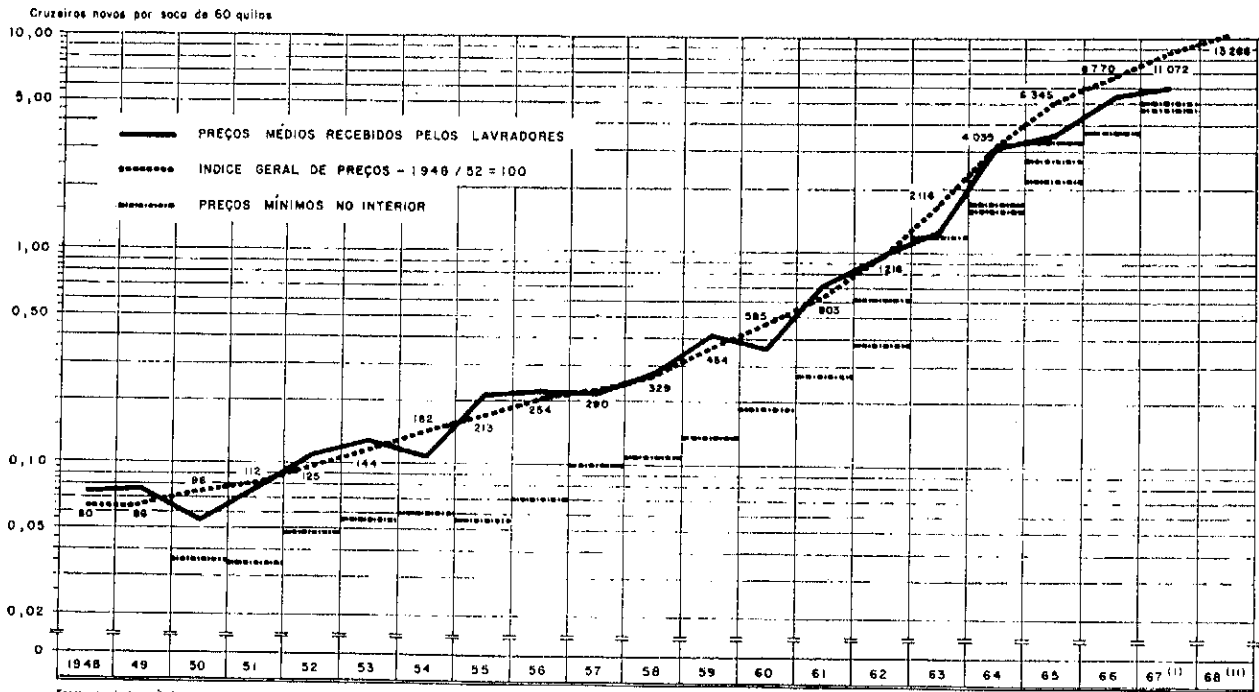
QUADRO 5. — Milho em São Paulo

Médias quinquênios e anos	Área plantada 1000 ha	Produção 1000 sacos de 60 kg	Rendimento agrícola kg/ha	Preços médios recebidos pelos lavradores		Índice geral de preços no Brasil		a/b x 100
				Preços correntes NCr\$ 60 kg	Índices a	(1)	b	
Médias								
1948/52	804	18 047	1 353	0,08	100	100		100
1953/57	1 084	19 665	1 095	0,13	227	217		105
1958/62	1 189	28 100	1 413	0,55	690	678		102
Anos								
1960	1 324	29 000	1 314	0,36	452	585		77
1961	1 186	29 400	1 487	0,72	902	803		112
1962	1 331	36 900	1 663	1,00	1 240	1 218		102
1963	1 673	44 800	1 709	1,28	1 610	2 116		76
1964	1 263	23 600	1 120	3,15	3 937	4 043		97
1965	1 396	41 000	1 762	3,65	4 562	6 344		72
1966	1 367	41 500	1 821	5,55	6 937	8 770		79
1967 (2)	1 476	44 000	1 789	6,00	8 925	11 072		81

FONTE: Divisão de Economia Rural.

(1) Baseado no índice «2» Nacional da «Conjuntura Econômica» da Fundação Getúlio Vargas.

(2) Estimativa.



Escala semi-logarítmica
 FONTE: Divisão de Economia Rural - Secretaria de Agricultura

(I) PRELIMINAR
 (II) ESTIMATIVA

EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DO MILHO NO ESTADO DE SÃO PAULO

ra o progresso da agricultura e também como assegurador do abastecimento alimentar, apresentou uma safra normal de 1966/67. Isto, não só no que respeita à área plantada e volume de produção como também, em termos relativos, aos preços do produto. No que diz respeito aos rendimentos unitários, foi ela das melhores e somente superada pela que lhe antecedeu. Conjugada com as boas colheitas das outras regiões do país, trouxe como resultado sobras exportáveis. Isto, pode ser considerado favoravelmente, pois embora o milho não deva ser produzido em função da exportação direta e sim sob forma transformada (carne, ovos, leite etc.) há necessidade duma constante abundância de suprimento, como meio para incentivar o aumento do consumo interno sob qualquer de suas múltiplas formas e com isso, aperfeiçoar nossa estrutura agropecuária. Embora muitas vezes dito, talvez caiba repetir que o milho significa para a nossa agricultura o mesmo que o aço na indústria. Em realidade, precisamos elevar urgentemente seu consumo no país, para 15 milhões de toneladas anuais e isso, só poderá ser conseguido com suprimentos abundantes por vários anos seguidos.

O milho é assim, e eminentemente, um produto de consumo interno e de resto, utilizado em grande proporção nas próprias fazendas produtoras, não havendo razões maiores para que, na política de preços mínimos, seja enfatizado o preço de exportação. Obviamente, deve-se cuidar da exportação dos eventuais excedentes sem que eles entretanto, pas-

sem a condicionar o preço de toda a safra. Ademais, não somos ainda um país aparelhado para exportação dêsse cereal, o que exigiria uma movimentação a granel, desde a fonte produtora até o navio e tal deficiência implica, evidentemente, em enormes despesas de comercialização. Disso resultaria preços líquidos muito aviltados aos produtores, caso o preço de exportação fôsse elegido como preço mínimo de garantia.

6.1 — CRITÉRIOS

Com base no que vem de ser dito e dos objetivos expostos, julga-se que o nível a ser garantido deverá girar em torno de ... NCr\$ 7,20, livre ao produtor, por saca de 60 quilos, da classe mole ou misto. Tal preço resulta do acréscimo de 20% sobre a base proposta no ano passado ... (NCr\$ 6,00) e correspondente à taxa de inflação projetada para os próximos 12 meses.

7 — MANDIOCA E SUBPRODUTOS

7.1 — SITUAÇÃO

A safra de 66/67, embora um pouco inferior à que lhe antecedeu, quer na área plantada, quer no rendimento, pode ser considerada como próxima do normal. Em virtude do importante papel que desempenha a farinha de mandioca no abastecimento alimentar do país e ainda ao fato de ser cultura explorada em grande parte por pequenos produtores, cumpre estender a êsse subproduto, bem como à fécula ou amido, farinha de raspa e tapióca, preços de garantia, que contribuam para obter-se um suprimento ade-

quado de matéria prima. Por ora, não existem condições para assegurar preços mínimos diretamente à raiz de mandioca. De resto, isto é duma importância relativa, já que a mandioca, ao invés doutros produtos afins como a batata, pode, sem grandes diferenças de rendimento econômico, ser mantida na própria terra, i.é., pode ter sua colheita retardada por tempo relativamente apreciável.

7.2 — CRITÉRIOS

O acréscimo de 20% ao preço proposto para a última safra, i.é., a corrente, iria resultar em nível demasiadamente inferior aos atuais preços de mercado, anulando assim qualquer sentido à garantia de preços mínimos, pois quando tal diferença é muito grande estes são despidos de qualquer efeito positivo. Também não se deve concluir do que foi dito, que os atuais preços de mercado são demasiadamente elevados, já que em realidade, os preços dos dois anos anteriores é que se encontram deprimidos.

Com tais considerações parece razoável admitir-se para o preço mínimo do ano vindouro um nível inferior em 20% ao atual preço porque vem sendo vendido o produto pela COBAL, nos centros de consumo. Isto representaria, a grosso modo, NCr\$ 7,60 livre ao produtor, para o saco de 50 quilos de farinha, tipo "1".

Quanto aos demais subprodutos, seus preços de garantia deverão guardar a mesma relação já mantida em anos anteriores com a farinha de mandioca.

8 — SOJA

Não obstante o espetaculoso

aumento verificado na área plantada nesta última safra, a soja é ainda uma cultura incipiente em São Paulo. Mantidas as condições de momento, deverá ela acusar nôvo e forte aumento, não só porque já atingiu o estágio de cultura difundida como pela boa alternativa que oferece em relação aos produtos de preços pouco atrativos. Acredita-se assim, que as bases que venham a ser aprovadas pela Comissão de Financiamento da Produção, deverão atender os interesses da economia da soja.

9 — MAMONA

Com a condução das atividades da Comissão de Financiamento da Produção sob novos responsáveis, aproveita-se a oportunidade de repetir aqui os argumentos em favor da extensão à mamona, dos benefícios da garantia de preços mínimos.

Em resumo, são os seguintes tais argumentos:

- a) Pelas suas facilidades de armazenagem e classificação a mamona é produto que se presta muito bem à garantia de preços.
- b) O óleo apresenta inumeráveis usos industriais, inclusive para fins bélicos e suas aplicações crescem dia a dia, à medida que se desenvolvem as pesquisas tecnológicas.
- c) É cultura eminentemente comercial, representando fonte de dinheiro para os produtores, em grande maioria humildes agricultores, que nela encontram um indispensável refêrço de renda.
- d) O mercado mundial, embora

relativamente pequeno em volume é de área muito ampla i.é., há inúmeros países que são importadores efetivos ou em potencial.

- e) O Brasil disputa com a Índia a posição de maior produtor e exportador mundial, cabendo esforçar-se para não perder tal posição.
- f) Interessa à economia de grande número de estados.
- g) É cultura relativamente fácil.
- h) O mercado interno também

apresenta promissoras possibilidades de expansão, devendo entretanto contar com suprimentos regulares e abundantes para um mais rápido desenvolvimento.

Renova-se dessa forma, a solicitação que há longos anos vem sendo feita em favor do amparo a êsse produto, onde o preço mínimo de garantia pode representar papel de fundamental importância na consolidação e progresso dessa cultura.